

Carta nº 5

Mistérios do Parque Lazienki

(com um traço / no L, que não consigo levar o computador a fazer... lendo-se UO)

Foi preciso chegar à última semana da minha estadia em Varsóvia para resolver - se é que alguma vez ficará resolvido? - o mistério do Parque Lazienki... Calma, Sofia, lá chegaremos, talvez se justifique ainda uma carta nº 5 não planeada... Tenham lá mais um bocadinho de paciência para a Sofia-Ticha.

Ora vá, alegremo-nos então: *Alô, alô, aqui Warszawa* (ainda Varsóvia)! Daqui a Ticha/Sofia!

Corro as cortinas da janela do meu quarto. Sol. Não querem lá ver? O sol a emergir empurrando o habitual cinzentão. Uma aura luminosa branca separando o cinzento do ainda envergonhado azul. Vou à internet: realmente anunciam sol para hoje. Não tenho aulas de manhã... ala para a rua que os parques te esperam, Sofia! Apesar do frio vou experimentar levar – para ler enquanto passeio... - o “Ghetto Diary” do grande pedagogo polaco Janusz Korczak que comprei no museu da História do Povo Judaico.

O “meu” plátano parece que sorri, espreguiçando-se ao sol e descubro o preto-azulado de um corvo pousado nos ramos....

Mergulho no parque a que tenho chamado “Tazenkowski” e vão perceber porque uso aspas. Desta vez, apesar do frio, havia luminoso sol e lá vou explorando percursos novos. Há lá maior prazer do que beber um *capuccino* bem quente – mesmo que de fraca qualidade – depois de “atravessar” pelo frio das 10.00 da manhã o “Tazenkowski” (calma, vão perceber já as aspas... trata-se de um *mistério...*). Então, Sofia, és mesmo *desastrada!*

Achavas possível, para uma mediterrânica mulher, atravessar o parque a ler Janusz Korczak? Não sabes mesmo medir os teus limites, pois não? Isso é para os polacos curtidos no frio e que me afirmam que este tempo é bom, que o inverno, inverno, esse ainda há-de vir...

No entanto lê-se bem Korczak a olhar as árvores nuas de ramos a entrelaçar-se uns nos outros enquanto o sol rompe entre eles e traz vibrações luminosas (... e caloríficas q.b...) aos vidros do café no qual, neste momento, sou a única consumidora. Lá andam os adultos a empurrar agasalhados carrinhos de bebé, professores em visitas de estudo acompanhando meninas e meninos bem acolchoados em tons coloridos, idosos aos pares conversando a sua língua com sonoros e prolongados “schzs”, enquanto esfregam as mãos... de contentes porque o sol hoje rompeu. Sofia, safámo-nos desta, ouve bem: até duas testemunhas de Jeová me abordaram e eu feliz e contente a dizer-lhes em inglês que não conseguia falar a polaca língua - apesar de suspirar tantas vezes com os alunos a pena de não falar polaco, desta vez até me deu bem jeito... - . Como podem ver não consigo muito concentrar-me em Korczak apesar do calorzinho do café-bar e o *capuccino* vai arrefecendo... Mas li uma página bem interessante que vou reproduzir mais adiante. Sofia, pede lá aos leitores permissão para interromper... o parque nos espera...

Deste lado do parque vejo algumas indicações dizendo tratar-se do Parque Lazienki e a minha cabeça um pouco oca começa a baralhar-se! (Sofia!...) Mas eu julgava estar no parque “Tazenkowski”! Que mistério é este? Vejo o mapa afixado junto à entrada, oposta ao acesso lateral que tenho usado e que fica junto ao meu Hera hotel. Ahah!!!!!! Mas isto é tudo Parque Lazienki? Vou por uma alameda lateral e sinuosa, encontro uma indicação que diz “museu”, entro num palacete e uma das meninas explica-me que o célebre Museu Lazienki que eu ainda queria visitar, é todo ele este magnífico parque semeado

de palácios – alguns ainda em reconstrução - e que se prolonga até mais não... Ao voltar a casa consulto o mapa. Apre, desastrada Sofia! Foi preciso um mês para perceberes que se tratava do mesmo parque, o teu lado apenas e simplesmente uma das pontas que cruzavas na horizontal a julgar que a atravessavas verticalmente? Procuo a palavra “Tazenkowski” no mapa. Afinal é apenas o nome de uma das alamedas do parque. Mistério resolvido: trata-se do mesmo parque em que entro todos os dias um pouco mais adiante, junto à estátua de Chopin, para ir para as aulas. Então o parque Lazienski tem-me “rodeado” ao longo deste tempo todo sem eu perceber?

Fica-me a sugestão interior de que não interessam assim tanto as entradas e as saídas do parque, essas são imponderáveis, pelos vistos... O que interessa é andar pelo parque em viagem, como que pela nossa vida dentro, sem saber se há uma saída do outro lado do parque – e mesmo com o risco de me perder, como esta manhã, conseguindo descobrir algo de novo, um “mistério” que é resolvido. Creio que os “mistérios” do parque Lazienski residem exactamente nisso: um mistério atrás de outro... O que será então importante é caminhar com confiança pelas alamedas e recantos estreitos do parque na certeza da inevitabilidade: outros e **novos mistérios** virão...

O livro de Korszak, pousado na mesa do café amplia esta reflexão sobre os mistérios do parque Lazienski. Murmurou-me umas verdades interessantes, escritas a partir das meditações do autor enquanto, no gueto, escavava a terra para conseguir água para regar o jardim do seu asilo de crianças - isto pouco antes de serem todos enviados para Treblinka (tradução para português no final desta carta):

(...) Then comes fatigue: bit by bit, still doggedly moving in the once chosen direction – only now along a more leisurely road, with diminished zeal and with a painful realization that their [our] life is not they had meant to be (...) they find that the only thing they had achieved is more

greying hair, wrinkles on the once smooth and bold forehead, failing eyesight, slower circulation and tired feet. What has happened? It is old age. Some will resist, try not to give in, to go on as usual, even at a faster pace and more aggressively, for time is short (...)

When you dig a well, you do not start at the deepest end. First you break up the upper layer, throw the earth aside, shovelful after shovelful, not knowing what is underneath, how many tangled roots, what other obstacles, how many stones forgotten and buried by yourself and by others.

(...) The decision is made. There's strength enough to start. And, in fact, is any work ever finished? Roll up your sleeves. A firm grip on the shovel Let's go! One, two, one two...

"God help you! But what's your plan?"

*"Can't you see for yourself? I seek subterranean springs; I push aside clear, cold streams of water and browse through the memories." **(esta frase é digna das conversas que tenho tido com a Celeste Isabel...)***

"May I help you?"

"No my dear friend, this each man must do alone, nobody can undertake the job for him or replace him. Everything else we can do together so long as you trust and respect me; but this final work of mine – I must do myself".

Hoje decido ir para as aulas atravessando o parque Lazienki pela parte de dentro até encontrar a estátua de Chopin... Um frio cortante de vento: o pequeno rio que atravessa o parque está parcialmente gelado e os patos – literalmente! – patinam no gelo! Ousar entrar num percurso diferente pode ser arriscado...correu tudo muito bem apesar dos receios da Sofia - vais perder-te! vão-te assaltar! vais encontrar pessoas menos bem intencionadas! –. Mais depressa do que contava chego às

traseiras do palácio do presidente e, logo logo, Chopin me acolhe nos braços da sua estátua...

Mais umas *irreverências* da Sofia me ocorrem:

Praticamente do outro lado do parque Lazienki, onde está a residência do Presidente da Polónia, fica o monolítico edifício neo-clássico da Embaixada russa – não te aflijas, Sofia! **Não é** no parque Lasienski! Um belo dia, ao subir por uma das ruas traseiras, reparo que há um enorme edifício, majestoso e imponente, quase agressivo na sua dimensão invasiva. Pergunto a uns jovens polícias que circulavam: “Que palácio é este?” “É a embaixada russa, explicam”. “Mas a embaixada russa não é na outra rua? aponto, fazendo um círculo”. É tudo a embaixada russa, sorriem eles. Responde a empertigada Sofia, crescendo de dentro do seu casaco preto acolchoado: “E vocês ainda deixam que a embaixada russa seja maior que o palácio do vosso presidente?” Respondem, fleumáticos, encolhendo os ombros e rindo: “Já não mandam...”

A Sofia gosta de algum “cavalheirismo”: ajudarem-nos a vestir o casaco (no caso do meu casaco acolchoado e redondo, dá bastante jeito) deixarem delicadamente as senhoras passar à frente nas portas, nomeadamente os jovens estudantes (ai, ESE, ESE, ai ESE de Lisboa...) – Será que esta apaixonada pelas questões das mulheres está a ficar conservadora??? Ou será normal pedir o “que merecemos”? Respeito? Delicadeza? Cuidado? Ou este facto é apenas uma imagem externa de problemas internos sombrios que estão agora a vir ao de cima neste país, tais como – segundo uma doutoranda – a tão falada “violência familiar”? Ou o abuso físico sobre crianças?

Concerto na Filarmónica, a célebre casa de concertos onde reside a inigualável *Orquestra Filarmónica*: obras de Karłowicz, Bela Bartok e Igor Stravinsky. Podem imaginar, os metais rebrilhavam em notas e sonoridades completamente perfeitas e circulares... A Sofia a distrair-me: estes polacos... então não

apagam as luzes da sala de espectáculos para que o público se concentre? Danada Sofia! Ela não percebe que este é um exercício de concentração bem mais educativo para ajudar a que o ouvinte se envolva apenas na música e não se distraia com o vizinho do lado? O que não quer dizer que eu goste...

Delegações do Banco Millenium BCP em toda a parte: Sofia esfrega as mãos de contente: estão a aproveitar da economia “em alta” na Polónia para poderem aguentar o Millenium em Portugal e, sobretudo, não despedirem mais trabalhadores...

Finalmente, *um léxico de bolso inglês-polaco*. Em todas as livrarias em que entrei não havia – quando muito polaco-inglês... Foi preciso que a Marta - informada pelas inconfidências da Sofia -, corresse Varsóvia de lés a lés e me encontrasse um... o último. Levo para Portugal, a modos de TPC!...

Ontem à noite, ao chegar a casa, começou a nevar. Farrapos brancos a cobrir o plátano da minha janela, verdadeira árvore de Natal cintilante em chão finamente atapetado de branco. Entre tantos presentes de despedida que recebi, foi-me dado este, verdadeiramente precioso.

Mas afinal não foste a Cracóvia?...

Diz-me a minha querida Vilma, amiga do Brasil de há mais de 40 anos, quando vivemos em Madrid: *Isso é vida plena, pois você "saboreia" cada passo que está a dar. E, "saborear", palavra que deriva de "sabedoria", certamente fará agregar mais vida à sua vida, Ticha!*

Estas cartas estão a tornar-se diálogos em profundidade com os meus/minhas amigas, conforme vão respondendo. Não me tinha apercebido desta ligação entre “saborear” e “sabedoria” que faz todo o sentido. Obrigada pelas tuas palavras lá da Baía-de-Todos-os-Santos, Vilma!

Eis que Sofia, aqui ao lado, me interrompe: Mas afinal não foste a Cracóvia, tal como planeavas? parece que foi recentemente renovada, que está um “museu vivo” depois de ter sido capital europeia da cultura! Estavas para ir lá passar o último fim de semana! Tanta coisa, tanta coisa e ficaste-te por uma cidade cujo centro se vê bem que foi reconstruído a partir do nada. Não é Cracóvia muito mais significativa porque escapou “milagrosamente” aos cruéis bombardeamentos da 2ª Grande Guerra? continua Sofia.

O que a Sofia não sabe é que Cracóvia não escapou assim tão “milagrosamente” como isso, segundo me contaram: foi ocupada pelos alemães para lá residirem porque era considerada uma cidade mais bonita, é certo, e já não era a capital... que essa iria ser vítima da sua destruidora ocupação. Ora toma lá, Sofia!

Eis a Cracóvia que visitei no Museu Nacional de Varsóvia, recriada por Nowosielski:



 **Jerzy Nowosielski** (Cracóvia, 7 de janeiro de 1923 - 21 de fevereiro de 2011)

Pelo que consigo ver/interpretar, Nowosielski oferece-me uma figuração da muralhada Cracóvia com os montes Cárpatos aos fundo.... Não, desta vez não fui a Cracóvia, Sofia, preferi peregrinar em Varsóvia. Amo uma Varsóvia reconstruída das cinzas, mesmo que tenha perdido alguma da “beleza inicial e pura” nesse processo. Amo a força telúrica de quem se reconstrói a partir do nada. Amo a persistente construção inacabada que é Varsóvia. Esse o seu profundo **mistério**. Tal como afirma Ítalo Calvino, “nunca acaba a construção de Tecla” (*ver no fim texto, para quem não conhecer*).

Apesar de estar prestes a regressar à minha casa na límpida Lisboa e um bem normal quotidiano me esperar, levo comigo a convicção de que **nunca acaba a descoberta dos mistérios de Varsóvia**... Como transportar a vontade de continuar a descobrir esta reconstruída cidade, para o meu normal e pouco misterioso canto-quarto de referência, no Lumiar, onde – milagre do destino!... – estão à minha espera, na praceta... plátanos!

Lamento a carta ir longa, mas é a última. Terão todo o tempo do mundo para a ler. E, neste momento, talvez esteja a escrever mais para mim própria, fechando o círculo reflexivo desta viagem. Saboreei Varsóvia como **um lugar**, a exemplo do que afirma a Vilma: *E, "saborear", palavra que deriva de "sabedoria", certamente fará agregar mais vida à sua vida*. Não, não posso levar comigo o plátano da minha janela... Mas será que Varsóvia não poderá, eventualmente, **numa geografia outra**, chamar-se... Lisboa???!!!!!!!.....

Adeus! *Do widzenia* [do veedzenya]

Desejo-te tudo de bom! *Zycze wszystkiego najlepszego!* [zhiche vshistkyegho naylepshegho] (Agora percebem esta enigmática língua? Como não hei-de encontrar **mistérios** por aqui?)

Abraços compridos, dois braços que se estendem até ao meu regresso...**Ticha**

P.S. – A “Sofia” também se despede, com menos considerações filosóficas, mas afirmando *qual perua emproada*: Eu não dizia que *os desastres* iam acabar bem?... Espera pela volta, Sofia, outros desastres virão, tais como cidades destruídas e levantadas, entradas de parques por resolver, mistérios de reconstruções nunca acabadas, incomunicações linguísticas e comunicações gestuais, diversidades culturais e hospitalidade/s, informáticas e burocracias a dar com um pau... Mas, Sofia, diz-me cá ao ouvido: ***será que as duas não aprendemos alguma coisa em Varsóvia?***

Tradução texto Korczak:

(...) Então chega a fadiga: pouco a pouco, ainda me movendo persistentemente em direcção ao caminho escolhido – apenas agora numa estrada um pouco mais vagarosa, com menor zelo e a dolorosa constatação que a sua [nossa] vida não foi exactamente o que desejaríamos, (...) descobrem que a única coisa que conseguiram foi mais cabelos brancos, rugas numa testa que dantes era lisa e macia, falta de vista, circulação mais demorada e pés cansados. Que aconteceu? Trata-se da “velhice”. Alguns resistirão, tentarão não desistir, continuar como usualmente, se possível a um ritmo mais rápido e com maior convicção, porque o tempo é curto (...)

Quando se cava um poço, não se começa no fundo mais profundo. Primeiro quebra-se à superfície, vai-se atirando terra para os lados, pazada atrás de pazada, não sabendo muito bem o que está a seguir, quantas raízes retorcidas,

quantos outros obstáculos, quantas pedras esquecidas e enterradas por ti próprio e pelos outros.

(...) A decisão está tomada. Há força suficiente para começar. E, de facto, será que algum trabalho está definitivamente terminado? Um firme apoio na pá! Vamos! Um, dois, três...

“Que Deus te ajude! Mas qual é o teu plano!”

*“Será que não consegues ver por ti próprio? Estou à procura de nascentes subterrâneas; empurro para o lado veios de água bem transparentes e mergulho nas minhas memórias” .” **(esta frase é digna das conversas que tenho tido com a Celeste Isabel...)***

“Posso ajudar-te?”

“Não, meu caro amigo, isto cada homem tem que fazer por si só, ninguém pode fazê-lo por si ou substituí-lo. Tudo o resto podemos fazer em conjunto desde que confies em mim e me respeites; mas este meu trabalho final – Tenho de ser eu a fazê-lo.

As Cidades Invisíveis – Ítalo Calvino:

Quando se chega a Tecla, pouco se vê da cidade, escondida atrás dos tapumes, das defesas de pano, dos andaimes, das armaduras metálicas, das pontes de madeira suspensas por cabos ou apoiadas em cavaletes, das escadas de corda, dos fardos de juta. À pergunta: Por que a construção de Tecla se prolonga por tanto tempo?, os habitantes, sem deixar de içar baldes, de baixar cabos de ferro, de mover longos pincéis para cima e para baixo, respondem:

— Para que não comece a destruição. — E, questionados se temem que após a retirada dos andaimes a cidade comece a desmoronar e a despedaçar-se, acrescentam rapidamente, sussurrando: — Não só a cidade.

Se, insatisfeito com as respostas, alguém espia através dos cercados, vê guindastes que erguem outros guindastes, armações que revestem outras armações, traves que escoram outras traves...

— Qual é o sentido de tanta construção? — pergunta. — Qual é o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade? respondem. Mas onde está o plano que vocês seguem, o projeto?

— Mostraremos assim que terminar a jornada de trabalho; agora não podemos ser interrompidos — respondem.

O trabalho cessa ao pôr-do-sol. A noite cai sobre os canteiros de obras. É uma noite estrelada.

- Eis o projeto — dizem.